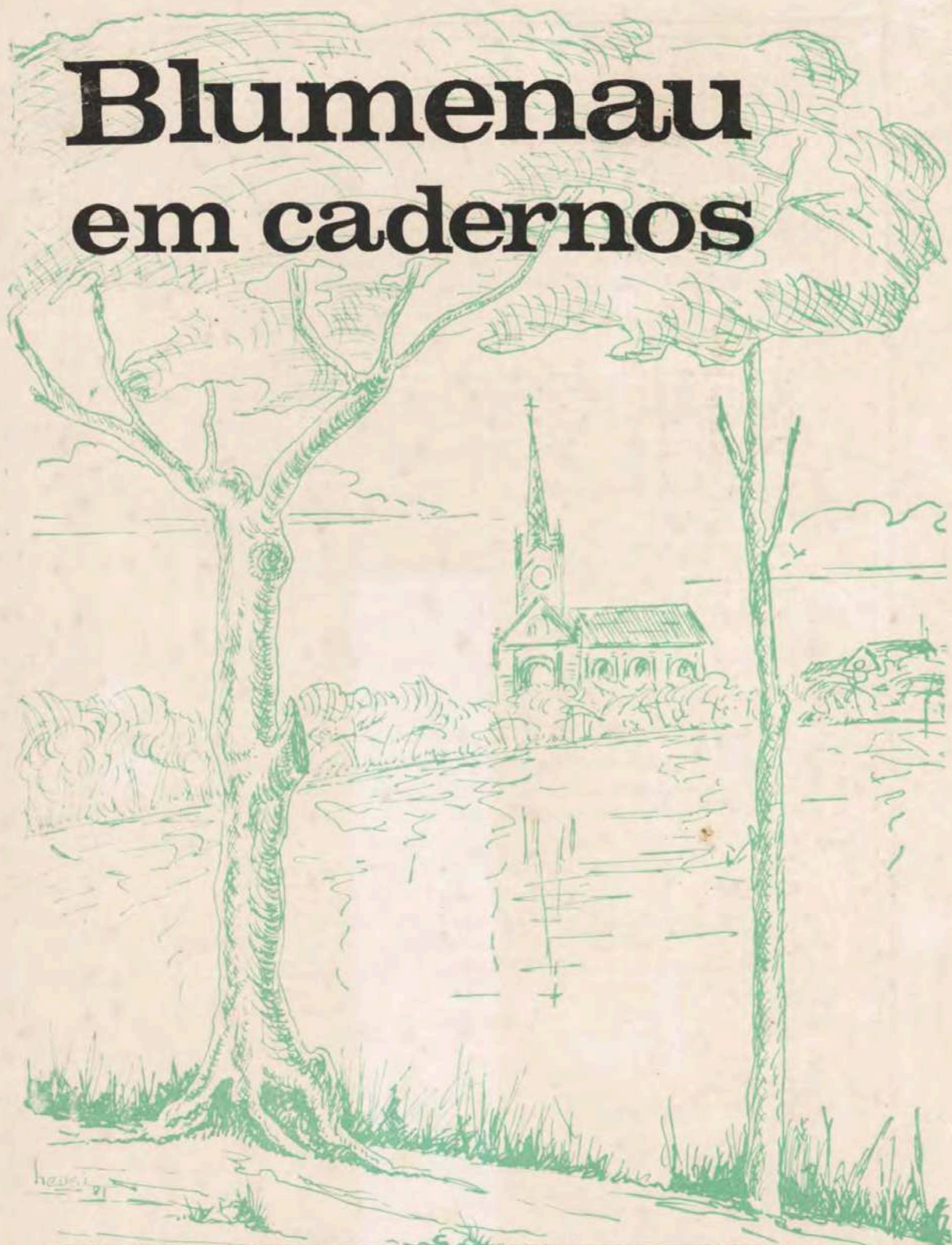


# Blumenau em cadernos



TOMO XXVIII/4

Abril de 1987

Edição 364

ILUSTRAÇÃO  
RUBENS  
HEUSI - 81

## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

TEKA - TECELAGEM KUEHNRIK S.A.  
COMPANHIA HERING  
COMPANHIA TEXTIL KARSTEN  
MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.  
CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS  
MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.  
SUL FABRIL S/A.  
EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE  
LOJAS HERING  
COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

CASA WILLY SIEVERT S.A. Comercial  
TEKA - TECELAGEM KUEHNRIK S.A.  
GRÁFICA 43 S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.  
MOELLMANN COMERCIAL S.A.  
TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.  
BUSCHLE & LEPPER S.A.  
CIA. COMERCIAL SCHRADER  
JOÃO FELIX HAUER  
MADEIREIRA ODEBRECHT  
LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS  
MÓVEIS ROSSMARK S.A.  
ARTUR FOUQUET  
JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.  
PAUL FRITZ KUEHNRIK  
CASAS BUERGER



# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVIII/4

Abril de 1987

Edição 364

## SUMÁRIO

Página

A História de Blumenau na correspondência dos imigrantes . . . .	103
Freyre e Lins em Blumenau . . . . .	107
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio . . . . .	108
Subsídios Históricos — Coord. e Tradução: Rosa Herkenhoff . . .	111
Microfilmagem de pequenos periódicos . . . . .	112
Aconteceu... — Março de 1987 . . . . .	113
Ensino em Pomerode . . . . .	115
Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo — Maria Batista Nercolini . . . . .	116
Como era o Pavilhão da Praça "Dr. Hercílio Luz" — E. Pantzier	127
Tipos originais que viveram em Blumenau . . . . .	130
Inauguração de pontes . . . . .	132

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 números) Cz\$ 30,00 + 20,00 (porte) = 50,00

Número avulso Cz\$ 5,00 -- Atrasado Cz\$ 10,00

Ass. p/o exterior Cz\$ 100,00 mais o porte Cz\$ 20,00 total Cz\$ 120,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.015 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

## **Prezado leitor e colaborador:**

Este ano (novembro), a nossa revista estará chegando aos trinta (30) anos de circulação mensal ininterrupta. A iniciativa do saudoso José Ferreira da Silva criou substanciais raízes e aqui estamos.

Para podermos preservar esta importante publicação histórica, é preciso preservar os meios de sua confecção gráfica.

A nossa oficina gráfica está em boas condições. O que não está nada bem é a casa em que se acha instalada, com as paredes se desintegrando como consequência das duas enchentes que sofreu (1983/84).

Precisamos reconstruir a casa da nossa gráfica para garantir a circulação de nossa revista, pelos nossos próprios meios.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" está hoje integrada nas exigências da lei Sarney, relativamente às aplicações financeiras em favor da cultura em geral. Qualquer colaboração para a renovação desta casa gráfica, pode usufruir dos benefícios da declaração de renda. Precisamos de cinco a dez mil cruzados de cada um que nos possa ajudar. E a exemplo do que já ocorreu com o prédio da nossa Biblioteca, saberemos aplicar o auxílio financeiro que nos seja dado. Ajudem-nos! Nós corresponderemos a mais essa confiança!

A Direção



## A HISTÓRIA DE BLUMENAU NA CORRESPONDÊNCIA DOS IMIGRANTES

Lichtenburg, 24 de setembro de 1853.

(Recebida em 19 de nov. 53,  
respondido em 26 de nov. 53 como 2.º remessa postal).

Querido e respeitado pai!

Minhas cartas anteriores certamente já deves ter recebido e tranqüilizado você a meu respeito. Já estou aqui no Brasil há três meses mas ainda não posso opinar em geral sobre as condições daqui. A situação é boa, principalmente, para aqueles administradores que trabalham duro na Alemanha sem grande futuro e aqui podem conseguir algo na vida com pouco dinheiro. Aqui, quando se é trabalhador e não se envergonha do serviço que faz, tem sempre o que fazer e se ganha dinheiro. Desta forma todos, mesmo que não tragam muito dinheiro, em pouco tempo podem economizar uma boa soma e comprar um lote de terras. Aviso porém, que todos façam uma auto-análise se realmente querem e estão dispostos a colocar-se na posição de empregado depois de um posto administrativo. É preciso avaliar a coragem que se faz necessária ao abandonar as condições de vida anterior, deixar pais e irmãos e viver num país completamente estranho onde tudo, mas tudo mesmo é completamente novo e desconhecido. Sim, reflitam bem antes que venham para cá, analisem todos os pontos, não esqueçam nenhum pormenor. O trabalho aqui é duro, o clima tropical é exaustivo e exige uma vida totalmente diferente do da Alemanha.

Depois de analisar bem todas estas questões e ainda estiverem dispostos a viajar para esta terra, então venham tranqüilos. Serão então também bem sucedidos de quebrar a barreira para sua futura felicidade, mesmo que encontrem muitos espinhos em seus caminhos. Logo poderão descansar e dormir mais tranqüilos. Assim como eu agora escrevo ao querido pai: Eu estou satisfeito e tranqüilo com meu destino e posso dizer que não me arrependo ter dado este passo tão decisivo para meu futuro.

Sim, digo isto de coração, apesar do árduo trabalho, uma forma de vida em grande parte ainda é primitiva, distante de pais e irmãos, eu me sinto bem. Diariamente vejo e admiro o meu trabalho, os frutos que já colhi, eu me alegro, e você querido pai alegre-se comigo, pois eu estou totalmente feliz e satisfeito.

Mas agora quando Nahrwold vier, o que espero com certeza, terei um amigo do meu lado, com o qual poderei continuar o trabalho. Nele deposito a minha grande confiança.

Meu trabalho atualmente é muito grande e exige tudo de mim. Em princípio de novembro já preciso novamente derrubar mais um pedaço de floresta para em fevereiro plantar cana-de-açúcar. Apesar de que isto me custe tempo e dinheiro é preciso fazê-lo,



do contrário perderei tempo e vai demorar demais até conseguir um bom pasto para o gado. Fiz meu plano para o próximo ano da seguinte maneira: Em fevereiro vou limpar terra suficiente (5 morgen) para obter 50 barris de açúcar, cada um com 6-7 arrobas e cerca de 8 mil réis, que poderei colher, exatamente, 18 meses depois. No próximo ano farei 40-50 barris, porém agora só colherei a cana e usarei esta, combinando com a safra de fevereiro; assim terei na certa 80-100 barris de açúcar. Então a cana mais antiga já terei colhido pela terceira vez. Ainda poderia aproveitar mais uma ou duas vezes mas então perderia tempo no preparo do pasto. Se eu preparar este pedaço de terra dentro de um ano terei uma linda pastagem, onde tranqüilamente poderão pastar 4 bois e igual número de vacas.

Neste ano ainda plantarei 250 pés de café e cada ano mais até alcançar o número de 1000 pés. Cada pé, anualmente, me dará 80 libras de frutos.

Com esta descrição você pode compor um quadro sobre o que estou fazendo aqui. E quando, na próxima primavera, vocês colherem a aveia e o trigo, eu estarei junto ao tacho no preparo do açúcar e isto por 8 semanas. Diariamente é preparado um barril de açúcar.

A cultura da cana-de-açúcar é realmente a mais rendosa nesta região. Pense o seguinte: entre os pés da cana é plantado, simul-

taneamente, feijão e batata e estes frutos cobrem todas as despesas, da limpeza da terra. Ainda traz bastante lucro, a cachaça feita das sobras da cana. Posso portanto calcular que um terreno de 5 Morgen em 1 ano e meio trará um lucro de 50 barris a 8 mil réis. Isto falando se as condições de tempo forem favoráveis e não aconteceram desastres climáticos. Podem ver que numa colheita da mesma cana por 5, 6 e mesmo 7 meses, que o clima daqui é favorável.

Agora, falando em dinheiro, apresentarei a você um pequeno cálculo. A Paul Kellner terei que pagar: pela terra, 300 mil réis; como ordenado pela colheita da cana 200 mil réis; mantimentos até então 200 mil réis. Atualmente já gastei em mantimentos cerca de 100 mil réis e dificilmente será suficiente para 1 ano. A carne, a farinha e feijão são muito raros e continuarão a subir de preço. 32 libras de carne custam 5 mil réis e cada operário exige pelo menos 1 libra de carne; isto para 3 homens, representa, por ano, 4 arrobas. Como agora eu também lhes forneço toucinho, sai mais barato e talvez passe com 100 mil réis de carne.

Por demais melhorias na minha casa e depósito da cana 20 mil réis. Total 720 mil réis. De renda deverei receber 780 mil réis.

Fico portanto com 60 mil réis, com os quais ainda preciso comprar um cachorro, gatos, galinhas, porcos e marrecos. Tudo

**CREMER** Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.



isto para aproveitar as sobras da casa. Um cachorro custa 5 mil réis, 6 galinhas e 6 marrecos = 6 mil réis, 2 porcos = 20 mil réis. Ficam para mim, portanto, 30 mil réis e ainda não tenho nada para fumar ou para um outro divertimento qualquer. Preciso ainda comprar batatas para o plantio e também milho.

Como pode ver, querido pai, talvez eu chegue com meu dinheiro até a safra da cana. Se, no entanto, considerares que ainda preciso de um tacho grande = 120 mil réis; uma moenda = 80 mil réis; dois bois = 100 mil réis, então compreenderás meu pedido e desculparás.

Eu queria lhe pedir que me enviasse mais 300 Thaler, pois preciso estar preparado para o caso de Nahrwold não chegar ou não fazer sociedade comigo. Enfim, sempre podem acontecer imprevistos. Também preciso comprar e mandar instalar o tacho e a moenda para a cana-de-açúcar e preparo do mesmo. Isto já deve acontecer no mês de junho. Não quero, querido pai, que você me entenda mal e imagine que não estou sendo econômico. Já conversei a este respeito com Dr. Blumenau e este também é da opinião que de imediato eu precisaria de 300 Thaler para poder pagar a moenda. Ele emprestará o dinheiro, mas terei que pagar juros de 18% ao ano sobre o mesmo e isto não posso. Caso você não possa enviar o dinheiro, então realmente terei que vender parte do lindo terreno que tenho. Aqui no Brasil é preciso investir grande parte do dinheiro. Vivo na terra para obter lucro. Este lucro eu terei com certeza no primeiro ano que Nahrwold estiver

aqui. Ele me pagará 500 mil réis pela metade da terra, 150 mil réis de ordenado para mim, pois calculo a diária de 1 mil réis; a metade disto pagará para mim, 200 mil réis para outros eventuais trabalhadores, inclusive alimentação, e 150 mil réis pelo lucro do açúcar.

Assim, assumo para o ano que vem, mil réis; deixo 400 para a casa e emprego o resto aqui a juros ou envio-o a você. Somente quero que você, querido pai, me entenda bem e acredite nas minhas palavras. Não pense que são apenas especulações com o dinheiro. 1000 Thaler já recebi de você pelos quais não preciso pagar juros. 500 Thaler pagará a Theodor Kellner pelo terreno e 300 mais, você logo enviará para mim. Isto no total serão 1800 Thaler dos quais sobre 800 lhe pagarei juros a 5% ao ano e logo descontará os juros pelos primeiros dois anos. Acredite em mim meu pai e consiga logo os pedidos 300 Thaler. Pagará esta soma aos Schröder, em Hamburgo, e pedirás que remetam o dinheiro pelo próprio navio, para o Rio de Janeiro. Este será o melhor caminho e eu já terei o dinheiro em janeiro. Dentro de 1 a 2 anos terás os 800 Thaler de volta e você auxiliou muito a minha vida. A respeito de uma família para mim você cuidará. Se tem dinheiro para a viagem muito bem e se não tem Nahrwold pode emprestar e por este dinheiro terão que trabalhar para nós durante 1 ano e meio.

Se neste meio tempo se comportarem bem, nós cuidaremos bem deles. Caso venha uma família maior, também é bom, tanto como uma pequena. A todos



receberei imediatamente até que eles tenham encontrado trabalho. Para mim precisam mandar nada mais que duas calças de tecido leve, bem como 2 paletós. Se vier um sapateiro não precisam enviar sapatos; mas caso não venham, mandem fazer com o sapateiro Meier dois pares, mais um par de botas. Em caso da vinda de Carl Meier, ele que traga uma boa esposa e todo dinheiro que tiver. Também toda ferramenta de trabalho como uma boa reserva de couro. Se então lhe sobrar um dinheiro pode comprar um terreno no centro da cidade, construir uma pequena casa e logo ganhará o suficiente com sua sapataria. Eu aqui o auxiliarei em tudo que puder.

Caso mais outros artesãos queiram emigrar para cá, então lhes dê o livreto que o Dr. Blumenau publicou, como primeiro conselheiro e guia.

O que falta aqui são, em especial, sapateiros e marceneiros. Armas não precisam trazer a não ser um facão de Schulz, mas não muito grande. Espingardas podem ser compradas aqui por pouco dinheiro. Aqui compra-se uma arma a 5 mil réis. Caso alguém queira trazer uma, então que traga uma de cano duplo, que aqui não tem e se tem são caras.

Outros objetos que poderão trazer são: machados, rastelos, pregos de toda qualidade e quantidade, brocas, serras e serrotes, lamparinas e utensílios de cozinha. Caso Nahrwold não venha, mandem todas estas coisas para mim.

Uma prensa para a cana-de-açúcar, para extração dos resíduos e fabricação de aguardente, não precisam mandar. Existe muito risco e os aparelhos em pouco tempo estão imprestáveis e enferrujados. Em vez disto, mandem uma razoável quantidade de linho, para o fabrico de cerca de 20 sacos.

Com relação a roupa de cama e mesa, de boa qualidade, nem pensem; dá muito trabalho e tem pouca utilidade. Preciso, no entanto, de pó de tinta boa, que o daqui é péssimo; bom papel de cartas e penas para escrever. Preciso também lacre para as cartas. Que ninguém traga muitos livros. Aqui não há muito tempo para a leitura. Durante o dia trabalha-se muito e à noite cai-se na cama exausto.

Como agora já escrevi muito, creio que não sobrá muito tempo para escrever aos Hambleys e Hallbauer. Envio meu abraço a todos os amigos e aos que perguntarem por mim.

Caso queiram que alguém leia esta carta, muito bem, só terão que desculpar a caligrafia e ortografia. Também o estilo é péssimo; talvez seja o clima que influencia. Já não consigo escrever direito, e estou sempre distraído e nervoso. Se esta carta for lida por outras pessoas, uma das meninas pode copiar as partes mais importantes.

Adolph Baumgarten deveria ser também tão inteligente e vir para cá, assim como Gustav. Adolph, como químico, poderia em pouco tempo ganhar muito

## E. A. V. CATARINENSE

Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC



dinheiro. Em Sta. Catarina um bom químico ganha cerca de 400-600 mil réis no primeiro ano.

Na sua próxima carta você certamente escreverá tanta novidade quanto eu, porque me interessa por tudo que acontece por aí.

Lembranças ao guarda florestal: ele ficaria maravilhado com a natureza daqui e deploraria a devastação que ocorre.

A todos os amigos em Lichtenburg minhas lembranças. Paul e Adolph Kellner também mandam recomendações, assim como eu abraço a família Kellner. Se Paul irá escrever não sei. Alguns dias atrás mudou com todos seus pertences, e agora mora e trabalha em seu próprio terreno, distante 1/2 hora do meu. É vizinho e amigo mais próximo. Adolph

está alegre e disposto.

Dr. Blumenau em breve escreverá. Ele nunca tem tempo, sempre está ocupado com o bem-estar de seus colonos e com sua colônia. Meu maior desejo é ver realizado o sonho dele, pois o mereço.

Agora querido pai, eu me despeço enviando um grande abraço a todos e não se preocupe comigo, estou confiante no futuro.

Adeus querido e fiel de todos os pais. Pense muito em paz neste teu filho, assim como eu de manhã e de noite estou em pensamentos com vocês. Sejam alegres e felizes neste inverno e cuide de sua saúde.

Seu fiel filho  
Julius

---

## FREYRE E LINS EM BLUMENAU

(“Der Urwaldsbote”, sexta-feira, 19 de janeiro de 1940)

“Blumenau recebeu hoje a visita de dois ilustres representantes da literatura brasileira, o Sr. Gilberto Freyre e José Lins do Rego, autores conhecidos e ao que queremos acrescentar alguns curtos dados biográficos. Gilberto Freyre é um conhecido sociólogo e etnólogo que dedicou sua vida ao cuidadoso estudo das diversas raças representadas no Brasil. Sua principal obra é “Casa Grande & Senzala”. José Lins do Rego é o escritor do norte. Ele nos conta a vida nas fábricas. É um fino romântico e autor de “Moleque Ricardo”, “Banguê”, “Usina” e outros.

Os ilustres visitantes são hóspedes do Governo Estadual e a convite deste, visitam nosso Estado para depois seguirem ao Rio Grande do Sul.

Na passagem por nossa cidade, o prefeito Sr. José Ferreira da Silva convidou-os para um café colonial no qual estiveram presentes autoridades civis e militares. O Sr. José Ferreira da Silva acompanhou-os, mais tarde, até a capital do Estado.

Nós apenas lamentamos que eles não puderam conhecer mais profundamente a cultura e o desenvolvimento de Blumenau.”



# AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

Numa conversa com Nereu Corrêa, algum tempo atrás, eu lhe perguntava se não tinha chegado o momento de escrever as memórias. Respondia o escritor, modestamente, que esse gênero só encontrava justificativa quando se tratava de uma grande vida, dessas recheadas de acontecimentos capazes de agradar ao leitor. E a existência dele, afirmava, nada tinha de extraordinário, decorrendo numa luta constante, a princípio pela própria sobrevivência, depois pela busca do conhecimento pelo autodidatismo e pela afirmação como escritor. Conhecendo, porém, alguma coisa a seu respeito, é claro que não concordei e o tempo só veio confirmar que eu tinha razão.

O livro "Perfis e retratos em vários tons" (UFSC/Lunardelli — Florianópolis — 1986), publicado no ano passado, acaba de revelar, ao lado do ensaísta e do crítico, um memorialista de qualidade, gênero em que é muito pobre a produção literária em nosso Estado. Embora não se trate de uma autobiografia convencional, dessas que começam com as lembranças da infância e vão evoluindo, passo a passo, até os dias presentes, e nela o autor se coloque deliberadamente em posição secundária (como indica o título do volume), os retratos e os perfis que ele traça mostram sua convivência com muitas dessas figuras, mais ou menos chegadas, ao longo de certos períodos das existências de ambos. Assim ocorre com Jorge Lacerda, a quem secretariou no Rio de Janeiro, no lamentável episódio da impugnação do mandato do governador; assim ocorre com Oswaldo Bulcão Vianna, a respeito de quem falou no ato de inauguração de um jardim em sua homenagem e em tantos outros casos. São as memórias de um escritor sensível e observador sobre inúmeras pessoas com quem se cruzou ao longo da existência. Políticos, jornalistas, professores, escritores, historiadores, diplomatas, cientistas, religiosos, poetas, magistrados, profissionais liberais, — quase todos catarinenses, — desfilam neste livro em páginas modelares que informam e emocionam.

Para quem, como eu, conheceu muitas das figuras retratadas no livro, é fácil constatar a fidelidade do retrato, a nitidez de suas linhas. Oswaldo Bulcão Vianna, em cujo escritório trabalhei por mais de três anos, está perfeito, é ele mesmo, falando, agindo, caminhando, "politicando" (seu único "vício"). Othon D'Eça, de quem fui aluno na antiga Faculdade de Direito, com seus cacoetes, sua conversa inigualável e seu fascínio pelo Eça, também é perfeito. Tenho a impressão de revê-lo, inquieto, dinâmico, agitado, desafiando lições de

## MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil Blumenauense.



Direito Romano. E João José de Souza Cabral, sempre elegante, em cuja companhia subi muitas vezes para as aulas, com ele contando ao jovem acadêmico as coisas de sua vida de advogado, professor e político. Tantos outros de quem ainda lembro e que o escritor de apurada técnica e múltiplos recursos recoloca diante de meus olhos, ainda que alguns deles eu não consiga ver com a mesma simpatia que mereceram do autor.

Trata-se, enfim, de um livro importante como depoimento sincero de um homem e como obra literária realizada com maestria, cuja leitura nos aguça o desejo de palmilhar as páginas de outro volume anunciado pelo autor — "No tempo da calça curta" — onde ele trará as reminiscências mais antigas, daquela fase em que a pessoa retém para sempre as surpresas da vida. Nereu Corrêa, crítico e ensaísta, conquistou também o seu lugar como narrador das experiências vividas.

— . — . — . — . — . — . —

Um artigo que escrevi sobre Hans Staden, publicado nesta mesma coluna, provocou alguma discordância e motivou cartas à redação e a mim próprio por causa de umas tantas coisas que disse sobre aquele cidadão germânico que escreveu o primeiro livro sobre o Brasil e esteve prisioneiro dos tupinambás por longos meses. O que afirmei não constituía nenhuma ofensa ao náufrago alemão, mas houve quem não gostasse. Absorvido por outras ocupações e sem disposição para polêmicas, na época, esqueci o assunto. Agora, porém, relendo algumas páginas de Monteiro Lobato, numa velha "edição ônibus" de sua obra, comemorativa do 25.º aniversário do livro "Urupês" (1), deparei com o artigo "O primeiro livro sobre o Brasil", onde o autor relata os tropeços de Hans Staden na terra dos ameríndios. Veio-me a idéia de comparar os dois textos, isto é, aquilo que escrevi e o que escreveu o contista de Taubaté. Concluí que fui fiel aos fatos descritos por Lobato e o fiz inclusive com maior suavidade. Vejamos algumas passagens do texto lobatiano:

"Hans seria de poucas letras — diz ele. — Daí o fazer estilizar o livro por um notável da época, o doutor Zychmann, médico de Marburgo, o qual o narigou de um prefácio que é um modelo de literatura encruada." (p. 499). Mais adiante: "O livro de Staden, apesar de revisto por um mestre, dá bem a medida e o tom da **rudis indigestaque mole**. Tal é, porém, a força da obra vivida, que ainda assim vale por uma das coisas mais curiosas e empolgantes que já se escreveram." (p. 499). Ainda muito moço — escreve Monteiro Lobato — "Staden viu-se possuído da febre aventureira" e "lá se engajou de artilheiro a bordo da frota que encontrou a sair." (p. 500). Mas não foi nessa viagem, e sim na seguinte, que iniciaram os maus momentos de Hans Staden. Naufragando nas costas de São Vicente, após tremenda tempestade, e depois de aventuras sem conta, foi mais tarde aprisionado pelos índios, de cujo cativo só a astúcia e a sorte lograram salvá-lo. Retornando à pátria, escreveu o livro, o primeiro livro sobre o Brasil, e embora promettesse aos índios com quem vivera nos últimos tempos



e dos quais se tornara amigo que voltaria com um navio carregadinho de presentes, é óbvio que jamais voltou. “Bom europeu que era, mentiu mais uma vez — conclui Lobato. — Não voltou coisa nenhuma. A posteridade, entretanto, o absolve da feia falta por amor ao presente que lhe fez das suas memórias — precioso espelho da nossa ascendência, que nós, menos por pudor que desleixo, só trezentos e tantos anos depois de dado a público em Frankfurt vimos a conhecer em tradução recém-publicada.” (p. 505).

O artigo de Lobato encontra-se hoje no volume “Na Antevéspera”, integrante de suas Obras Completas. Embora não seja, ao que parece, dos mais lidos e conhecidos, foi mantido pelo autor, o que revela quanto o valorizava.

É claro que o autor de “Cidades Mortas” não é o dono da verdade e pode ter cometido erros. Mas tem por si o prestígio de tradutor e adaptador do livro de Staden (para as crianças), obras essas em que não me consta tenham sido apontados deslizos. (2)

Além disso, amigo da verdade e espírito isento, não tinha motivos para diminuir ou endeusar uma figura pela qual teve tantas palavras de simpatia.

— . — . — . — . — . —

Dois lançamentos de novas obras catarinenses: “Beco da Lamparina”, coletânea de crônicas de Flávio José Cardozo, autografada na sede do jornal “Diário Catarinense”, em Florianópolis, com grande estardalhaço vídeo-jornalístico, e “Poesia: lucidez ou fantasia?”, coletânea de poemas de autoria de funcionários do Banco do Brasil, autografado na sede da AABB, em Blumenau. O livro tem prefácio de Roberto Diniz Saut, orelhas de Vilson do Nascimento e foi impresso pela Fundação “Casa Dr. Blumenau”. Coisa modesta, no aspecto gráfico, mas com bons poetas. E bem nossa.

— . — . — . — . — . —

Lamentei não ter podido comparecer à exposição da artista Gudrun von der Heyde, promovida pela Fundação Cultural de Pomerode, onde ela pôs à mostra suas pinturas. As referências, porém, têm sido as melhores e desejo que a carreira da artista seja coroada de sucessos.

---

#### Notas:

- (1) “Urupês, outros contos e coisas”, Monteiro Lobato, edição-ônibus comemorativa do 25.º aniversário da estréia do escritor, Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 1943.
- (2) “Monteiro Lobato — Vida e Obra”, Edgard Cavalheiro, Editora Brasiliense, S. Paulo, 3.ª ed., 1962, tomo II, págs. 274 e 269.

<p><b>TEKA</b> É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.</p>
---



# Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

## Comunicado de 28 de outubro de 1865, referente ao engajamento de voluntários da Guerra do Paraguai:

O "Kolonie-Zeitung" noticiou em seu penúltimo número, que o Presidente da Província autorizou o adiantamento da quantia de 50 Milréis a ser paga a todo voluntário, pai de família, por ocasião do seu engajamento, importância a ser descontada do seu soldo. A mesma notícia também veio de outra fonte digna de crédito. Baseando-se neste dispositivo, os voluntários casados de Dona Francisca pediram ao Alferes W. Hoffmann a liberação do referido adiantamento por ocasião da primeira chamada, na terça-feira. Como, porém, o pagamento não se efetuou, demonstraram a sua desconfiança, declarando, grande parte dos voluntários casados, que não partiriam na próxima semana com o Alferes Hoffmann para Santa Catarina (Desterro). É lamentável que, deste modo, o número de voluntários que deveriam representar a nossa Colônia no batalhão de voluntários alemães desta Província, tenha diminuído sensivelmente, mas, de outro lado, não se pode negar que é simplesmente impossível para muitos chefes de família partirem, sem deixar para a família uma pequena soma ou, pelo menos, a garantia do pagamento da mesma em futuro próximo.

A Comissão abaixo assinada pretende comunicar a Sua Exce-lência o Presidente da Província, pelo próximo correio, este fato, fazendo ver a necessidade do adiantamento e pedindo verba para este fim.

Dando conhecimento das providências à população, a Comissão convida os chefes de família, dispostos ao engajamento sob a condição de receberem o adiantamento de 50 Milréis para a sua família, de se apresentarem a um dos membros desta Comissão.

Além disso, a Comissão se vê forçada a declarar, que até a presente data, não recebeu, nem por intermédio do Alferes W. Hoffmann, comunicado do Presidente da Província, sobre o adiantamento em questão, e nem tampouco a verba necessária.

É bem verdade que na alfândega de São Francisco se encontram depositados 2 Contos de Réis para os voluntários mas destinados somente ao sustento, ao soldo e ao transporte dos mesmos.

Joinville, 26 de outubro de 1865.

A Comissão Imperial para a matrícula e o transporte dos voluntários desta Freguesia:

Vigário C. Boegershausen, G.A.O. Niemeyer, Dr. A. Haitenhoff, Dr. W. Engelke.

## Notícia de 4 de novembro de 1865:

Dona Francisca. — Os voluntários da Pátria de Joinville, em



número de 23, partiram na noite de 29 de outubro. Ao toque de reunir, apresentaram-se todos às 7 horas da noite, no Restaurante Rava-che, onde lhes foi servido um bom jantar. Pelas 8 horas, após o recebimento da bandeira, seguiram, ao som de uma banda de música e à luz de archotes e tochas, precedidos pelos ginastas e pelos cantores da "Sangerbund" (Liga de Cantores), portando os seus respectivos estandartes e seguidos de incontestável massa popular, para a praça do porto, em frente à casa do sr. Ulrichsen, que havia iluminado a fachada de sua casa comercial, assim como se achava profundamente iluminada toda a praça ao redor, e adornada com palmeiras e lanterninhas chinesas, dando-lhe um verdadeiro aspecto local de festa. À chegada dos voluntários, primeiramente o sr. diretor Niemeyer saudou-os com uma oração elevada e em seguida falou o sr. Padre Boegershausen. Depois foi a vez do Alferes W. Hoffmann, chefe dos voluntários, o qual, agradecendo a todos, irrompeu em vivas, sendo acompanhado pela multidão com aplausos estrondosos e vivas intermináveis, ao Imperador, ao Império, ao Exército, à Marinha, aos Voluntários, à Colônia e sua Diretoria. Depois, a banda de música tocou o Hino Nacional e a "Sangerbund" cantou algumas canções. O sr. Ulrichsen ainda ofereceu um copo de bebida, especialmente preparada para os voluntários, os quais, após o sorvo do drinque de despedida, embarcaram no bote com a maré vasante, seguindo até a Barra do Araquari, de onde marcharam a pé até o Desterro.

#### **Notícia de 4 de novembro de 1865:**

Dona Francisca. — Desertores. Durante a noite de 29 a 30 de outubro foram trazidos para Joinville dois negros, que foram encontrados na picada da estrada da Serra, com armas, sendo presos pelos inspetores de quartelão Kohn e Boese. O boato os transformou imediatamente em dois paraguaios, mas o inquérito instaurado revelou que se tratava de mineiros, engajados no batalhão de Caçadores de Desterro, de onde haviam fugido há dois meses.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

## **MICROFILMAGEM DE PEQUENOS PERIÓDICOS**

A exemplo do que já ocorreu em princípios do ano de 1986, com a microfilmagem dos jornais de língua alemã, da época colonial, como o "Blumenauer-Zeitung" e o "Urwaldsbote", acaba de ser firmado, entre a Fundação "Casa Dr. Blumenau" e a Fundação Nacional Pró-Memória", através da Biblioteca Nacional, um convênio junto ao "Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros". Este convênio, no valor de 15 mil cruzados, visa possibilitar, à entidade cultural blumenauense, a microfilmagem de pequenos periódicos considerados raríssimos, dado seu valor histórico, pois remontam ao início do século.

Trata-se, portanto, de mais um passo que a Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantenedora do Arquivo Histórico, dá, no sentido de garantir a preservação histórica do desenvolvimento de Blumenau, transformando em microfílmes notícias registradas há mais de 80 anos, ligadas diretamente à história social-cultural-econômica do município.



— DIA 3 — De acordo com relatório apresentado ao prefeito Dalto dos Reis pelo chefe do Serviço Municipal de Trânsito, sr. Osmar Packer, nos primeiros três meses de 1987 foram registrados em Blumenau 849 acidentes, com 6 mortos. No ano passado, no mesmo período, registraram-se 902 ocorrências, com 9 vítimas fatais. Os acidentes deste primeiro trimestre, estão assim divididos: Janeiro, 295, com duas mortes; Fevereiro, 266, com três mortes e Março, 295 acidentes, com uma morte. Todos estes acidentes registraram-se nas rodovias blumenauenses.

\* \*

— DIA 6 — Com concorrida solenidade, na qual estiveram presentes numerosas figuras representando os diversos segmentos da comunidade, foi instalado o décimo Batalhão de Polícia Militar em Blumenau. O ato de descerramento da placa comemorativa foi presidido pelo prefeito Dalto dos Reis. O Décimo Batalhão tem em seu comando, a partir desta data, o Tenente Coronel Jurandir Ferreira. Com este importante acontecimento a população blumenauense vê-se bastante mais protegida pelo patrulhamento no centro e nos bairros que passou a ser efetuado pelos integrantes daquela corporação.

\* \*

— DIA 9 — Na sala nobre da Biblioteca "Dr. Fritz Müller", da Fundação "Casa Dr. Blumenau", realizou-se concorrida noite de autógrafos, com o lançamento de três livros: Espelhos da Alma, de José Gonçalves, Ao Silêncio da Luz, de Roberto Diniz Saut e A Força do Berço, de Apolônia Gastaldi. A noite foi um sucesso pelo comparecimento público que tornou o acontecimento uma festa muito agradável.

\* \*

— DIA 10 — O Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto (SAMAE), segundo relatório publicado na imprensa, forneceu através de suas duas estações de tratamento de água, mais de 12 bilhões de litros de água tratada, durante o ano de 1986. Sobre o assunto, foi fornecido, ao prefeito Dalto dos Reis, pelo diretor daquele órgão, um substancial relatório, que indica, ainda, existirem 605 quilômetros de rede de abastecimento de água servindo o município.

\* \*

— DIA 10 — Relatório entregue pela Secretaria de Agricultura ao prefeito Dalto dos Reis, informa que somente em 1986, cerca de mil filhotes de peixes da Estação de Piscicultura do Município, localizada em Tatutiba II, foram entregues aos agricultores blumenauenses.

\* \*

— DIA 12 — O Departamento de Cultura da Prefeitura inaugurou, às 20 horas, a Galeria Municipal de Artes, abrindo com uma exposição de 50 trabalhos do artista e professor Luís Emmerich. A



Galeria acha-se instalada no antigo prédio da prefeitura, sede do Centro de Cultura e que passou por reformas e adaptações, tornando-se um ambiente muito refinado.

\* \*

— DIA 15 — Assumiu o governo de Santa Catarina, eleito que foi no pleito de novembro de 1986, o joinvillense candidato do PMDB Pedro Ivo de Figueiredo Campos. As duas solenidades — posse, na Assembléia e transmissão de cargo na sede do governo — foram muito concorridas e o público, em todo o Estado, festejou o acontecimento.

\* \*

— DIA 15 — Cercado do carinho e estima dos membros da comunidade, o Pastor Dieter Prinz, titular da Igreja Evangélica Luterana de Itoupava Seca, viu registrar-se a passagem de seu jubileu de prata (25) anos de sua atividade no ministério sacerdotal. O Pastor Dieter Prinz, que conta 52 anos de idade, é natural de São Bento do Sul, formou-se na Faculdade de Teologia de São Leopoldo (RGS), tendo chegado a Blumenau dia 13 de março de 1962.

\* \*

— DIA 17 — No Teatro Carlos Gomes, a Orquestra de Câmara daquela Casa da Cultura Musical, prestou expressiva homenagem a Vila Lobos, pela passagem de seus cem anos de nascimento. Um selecionado programa foi elaborado e a platéia esteve literalmente tomada pelo público que foi prestigiar a iniciativa.

\* \*

— DIA 19 — Relatório apresentado ao prefeito Dalto dos Reis, pelo diretor do Hospital Santo Antônio, informou que cerca de 3.500 pessoas vinham sendo atendidas mensalmente, após a implantação do sistema gratuito de atendimento à comunidade. O prefeito Dalto dos Reis, ao tomar conhecimento da estatística, viu sua iniciativa coroada de êxito, afirmando que “a adoção de tal medida se tornou eficaz na simplicidade para o atendimento”. Disse ainda o chefe do Executivo, que “a medida adotada, teve como base para a aplicação deste benefício, a greve dos servidores públicos federais (INPS), que em junho de 1986 paralisaram todo o serviço de atendimento, deixando com isso, os menos favorecidos pela sorte, sem qualquer atendimento”.

\* \*

— DIA 20 — Através de um protocolo, o prefeito Dalto dos Reis, entregou à Fundação “Casa Dr. Blumenau”, para uso da Biblioteca

**LOJAS HERING S.A.** Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.



# *Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo*

MARIA BATISTA NERCOLINI

## 2º. Capítulo

07.05.1887 — 07.05.1987

Solenemente instalado o Município.

Comemoraremos então nesta data o 1.º Centenário de nossa querida terra e que chamou-se São Joaquim do Cruzeiro.

Vejamos a Ata de Instalação da nova Freguesia de São Joaquim do Cruzeiro, no 1.º Capítulo, e o que diz o professor Enedino Batista Ribeiro, em seu belo e completo trabalho monográfico em 1940.

“A cidade de São Joaquim fica situada à margem direita do riacho São Mateus, numa rechã cercada de outeiros e colinas de pouca elevação, a 1.360 metros de altitude, justamente no lugar antigamente denominado Chapada do Cruzeiro, porque aí se cruzavam as duas grandes estradas gerais: uma que vinha de Lages, em demanda da

cidade de Laguna, e a outra que, partindo do Rio Grande do Sul, tumava em direção aos caminhos do Destêrro e outros pontos da província de Santa Catarina.”

A população que podemos considerar como estatística é o ofício dirigido à Câmara de Lages em 06.03.1869: 1.000 habitantes mais ou menos, que poderemos calcular até 1887.

1987 festejaremos os 100 anos de Município com: 30.000 habitantes na zona urbana e 15.000 habitantes na zona rural, em uma área de 2.174 km<sup>2</sup>.

(aspectos geográficos tratados no capítulo posterior)

### IGREJA PRIMITIVA

A primitiva Igreja fora mandada eregir às ordens do fundador da Fre-



Presume-se que foi a primeira visita do Bispo D. José de Camargo Barros, 21.10.1898. (Livro Frei Rogerio e Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (1984).



guesia; foi construída por escravos.

Era como a atual de pedra ferro, irregular, bruta; viam-se assim grandes blocos nas paredes pacientemente calçados com pedras miúdas.

Na falta de cimento naquela época, se usava o barro para argamassar as estruturas de permeio, e se consolidavam as paredes com pedras menores, como um recheio.

Nos ângulos externos da abside, existem estátuas de personagens bíblicos primorosamente feitas. Esse trabalho de arte foi executado por JOÃO PEDRO LUCRÉCIO. (Oficial de Pedreiro, conforme consta da Cópia do contrato em 1.º.10.1873. Enviada, datilografada por um conterrâneo, que, pelo teor da mesma, não há dúvida de sua originalidade). A tradução oral tratava como escravos os trabalhadores da igreja; a cópia do contrato registra serventes.

Cópia do Contrato celebrado entre o Juiz da devoção de São Joaquim da Costa da Serra ao Mestre Pedreiro João Pedro Lucrécio para a construção da Igreja Matriz da Freguesia de São Joaquim da Costa da Serra do Termo de Lages: (ortografia original)

"Declaramos no abaixo assignados Manoel Joaquim Pinto, Diretor e Juiz da devoção de São Joaquim da Costa da Serra e João Pedro Lucrécio Oficial de pedreiro que nos obrigamos ao contrato previamente aprovado por nós ambos as estipulações seguintes: Eu João Pedro Lucrécio me comprometo a fazer a Igreja de São Joaquim da Costa da Serra, mediante a quantia de hum conto e sincoenta mil rs. com as seguintes dimensoens: setenta palmos de comprimt.º, sendo: a Capela Mor. com vinte sinco palmos de comprimento e os mmos. de largura e o corpo da Igreja com quarenta e sinco palmos de comprimento com outros tantos de largura; a altura do corpo da Igreja será de vinte dois palmos, da capela Mor. dezoito; os alicerces das obras serão de sinco e meios palmos de largura e as paredes de quatro palmos: Dando eu a obra prompta, constando das paredes da Igreja em pé e em ponto de receber o madeiramento; obrigando-me mais a principiar esta obra na dacta deste a secenta dias. Eu Manoel Joaquim Pinto me obrigo ao segte: dar todo o material nesseçario para a dicta obra; um offi-

cial de pedreiro e dois serventes para ajudarem ao mestre assima até o fim da obra, bem como o sustento para os trabalhadores e fazer os pagamt.ºs., o primeiro quando a obra estiver feita pella metade e o segundo no fim da obra. Pelo que combinamos passar este documento que vai assignado pelo primr.º. contratante assignando a rogo do segundo João Pedro Lucrécio por não saber escrever. Marcos Baptista de Sza. em prezencia das testemunhas abaixo assignadas. Freguezia de São Joaquim da Costa da Serra, 1.º de outubro de 1.873. Manoel Joaquim Pinto. A rogo de João Pedro Lucrécio, Marcos Bapta. de Sza. Testemunha presente, Jm. Cavalheiro do Amaral. Testemunha Joaquim da Silva Mattos. José Rodrigues de Souza."

(Copiado do original)

## VIDA RELIGIOSA

Como povo de raízes profundamente religiosas no catolicismo em 08.02.1902, teve seu primeiro vigário Frei Beda Kock, que a estas anotações juntamos as informações do padre Otávio Lorenzoni.

Apresentamos na sua íntegra.

Almanaque do Império do Brasil 1886.

De 1886 até 1902 não encontramos cutras referências sobre os párocos de São Joaquim; há portanto uma lacuna de 18 anos que talvez nunca mais possa ser preenchida.

Em 08 de março de 1902, foi nomeado o primeiro vigário de São Joaquim, Frei Beda Kock (já anotado acima), o qual tomou posse no Domingo de Ramos, 23 de março do mesmo ano.

A 25 de abril de 1909, assumiu a paróquia o Reverendo, Padre Domingos Bonavere, que em 1916, foi transferido para Urussanga. Em seu lugar assumiu o Padre Afonso Vergon, tendo permanecido de 23 de outubro daquele ano até 1918, quando transmitiu o cargo ao Padre João Casale. Este padre permaneceu até 1921, tendo assumido em 23 de setembro de 1918.

Durante sua gestão foi criada a primeira escola paroquial, a qual funcionava em casa alugada e tinha como professor o bacharel Hortêncio Goularth. Este professor solicitou a vinda de freiras para São Joaquim, mas seu pedido foi recusado.



Há oito de maio de 1921, foi empossado o padre Ernesto Schutz, padre até hoje lembrado carinhosamente por quantos o conheceram.

Padre Ernesto, conhecedor profundo dos hábitos da gente serrana, para conservar os fiéis das regiões mais distantes, aonde ia levava consigo um violão e uma gaita. Ao chegar realizava um baile e depois rezava uma Santa Missa. Desta forma o padre Ernesto conseguiu manter as rudes gentes de então, fiéis à doutrina católica.

Durante a sua gestão, a festa de São Joaquim era comemorada no Natal e a procissão de Corpus Christi realizava-se no verão. Em 1922, iniciou-se a construção da Casa Paroquial. Em 1.º de março de 1934 chegou como seu coadjutor o padre João Viecéli. Este padre, foi empossado como vigário em janeiro de 1935, permanecendo no cargo até 1958.

Durante seu vicariato, o padre João Batista Viecéli teve 2 coadjutores: o padre Pedro de Alcântara, que permaneceu em seu cargo de 1.º de janeiro de 1937 até fevereiro de 1938, e o padre Simão Mozer, que exerceu suas funções de 31 de julho de 1937 até 1.º de janeiro de 1939.

Em 1940, o padre João Batista Viecéli, deu início à implantação da Casa Paroquial. A Casa Paroquial era situada onde hoje está a Casa de Formação e foi construída sobre um cemitério abandonado há 35 anos.

Para a Casa Paroquial foi transferido o Grupo Escolar Manoel Cruz, anexo Escola Complementar, com 3 anos, até 1936, e que funcionava na casa de propriedade de Sebastião Matos, hoje de Vitor Gaidinski.

Com a construção do prédio próprio na praça Cel. Cezário Joaquim do Amarante, na Casa Paroquial, foram regidas outras Escolas.

Em fevereiro de 1944, chegaram a São Joaquim as irmãs Beneditinas (hoje existe moderno colégio de irmãs, mas dirigido por irmãs de outra ordem). Em 1958 a paróquia de São Joaquim passou a ser gerida pelo padre Blevio Ozelame. Em 1969, chegou o padre Otávio de Lorenzi (que foi transferido para São Cristóvão — Curitiba) e substituído por padre David, e mais tarde retornando novamente padre Otávio. Na gestão desses párocos foi construída uma nova Casa Paroquial e a Casa de Formação, am-

bas dignas de registro, levando-se em conta o trabalho dos vigários, o qual, para sua igreja é obediente, dócil, tolerante.

**Informações:** Parte do jornal Correio do Sudeste Criciúma (1977), a seguir.

#### **"1. Dom José de Camargo Barros**

Nasceu Dom José de Camargo Barros em Indaialuba, São Paulo, a 24 de abril de 1858, filho de João Batista de Camargo Barros e de Da. Gertrudes de Assunção Camargo.

Fez o curso primário, durante quatro anos em Sorocaba. Em 1873, matriculou-se em Itu, no colégio dirigido por Joaquim Mariano da Costa, passando-se, depois, para o Colégio São Luís, daquela cidade, dirigido pelos Padres Jesuitas, então dirigido pelo Pe. José Maria Mantero SJ.

Freqüentou o Seminário Episcopal, a partir de 28 de junho de 1877.

Foi ordenado a 11 de março de 1883, passando, então, a lecionar no Seminário Episcopal. Em seguida, em 1887, foi promovido na paróquia de Santa Efigênia, na capital paulista, tendo sido nomeado Cônego do Cabido da Catedral de S. Paulo a 15-12-1888, e exercendo o vicariato naquela paróquia, até 1893, quando foi preconizado Bispo do Paraná — Santa Catarina.

Como vigário de Santa Efigênia fundou o Semanário "Lidador", tendo em 1888, recebido as honras de Cônego honorário da Catedral de S. Paulo.

Foi escolhido Bispo do Paraná — Santa Catarina pelo Papa Leão XIII, a 11 de janeiro de 1894, seguindo para Roma, a fim de ser sagrado, o que aconteceu a 24 de junho e a 27 de setembro do mesmo ano chegava a Curitiba, entrando solenemente em sua Catedral, a 30 daquele mês.

Desde logo preocupou-se com o problema da sua vasta diocese, necessitada de pastores de almas!

Após um episcopado atuante foi transferido, em 1904, para a Diocese de São Paulo.

Faleceu, em naufrágio, do vapor "Sírio", no litoral espanhol, quando regressava de Roma, a 4 de agosto de 1906.

#### **2. A Diocese Paraná - Santa Catarina.**

A subordinação eclesiástica de Santa Catarina, até 1890, o era à Diocese do Rio de Janeiro.



(Xerox do livro Frei Rogério)

### O PRIMEIRO BISPO NA SERRA CATARINENSE

As condições religiosas do Brasil, nos últimos decênios, mudaram muito. A vinda dum bispo — havia tão poucos em todo o Brasil — a Lages, era um acontecimento de todo extraordinário.

“O primeiro bispo — conta frei Rogério nas suas recordações — que visitou a região serrana de Sta. Catarina, foi s. excia. d. José de Camargo Barros, bispo de Curitiba. Ainda hoje (1913), decorridos quinze a dezesseis anos, todos falam com amor e veneração do piedoso e bondoso bispo, que por suas maneiras afetuosas ganhou todos os corações.

Veio por Laguna e Tubarão para S. Joaquim que, em 1898, pertencia à paróquia de Lages. O rev. P. frei Redento tinha se encarregado dos preparativos da recepção, chegando s. excia. a S. Joaquim em meados de outubro de 1898, donde prosseguira a viagem para a pequena povoação de Paineira, onde, alguns dias antes, tinham chegado vários sacerdotes, a preparar o povo para a recepção dos ss. sacramentos.

Pelo fim de outubro, s. excia. chegou a Lages, sendo hospedado, do modo mais cordial, pelo sr. Vitor Alves de Brito. Embora, nesse tempo, a maçonaria começasse a levantar a cabeça, a população estava muito entusiasmada, sendo grande o número dos que receberam os ss. sacramentos. Na festa de Todos os Santos e no dia de Finados, a igreja estava repleta até ao último canto.

“O Pe. Redento tinha ido esperar-me em Orleans, de modo que de Orleans para cá vieram o Pe. Redento, e Pe. Bernardo, de Tubarão. Pe. Larcher voltou para Tubarão, a fim de seguir para Desterro. Pes. Others, Frederico e Antonio Manno ficaram em Orleans para fazer algum serviço.”

“...O caminho vai margeando o rio Tubarão acima, depois rio Novo acima, depois rio Laranjeiras acima.”

E, no dia 19, quarta-feira, há nova informação: “Levantamos às 5 horas, tomamos café e partimos às 7. Os companheiros de Orleans aqui ficaram todos; seguimos acompanhados do

mulatinho José e do moço Polycarpo, trazidos pelo Pe. Redento; este morador do distrito de S. Joaquim, aquele de Lages.”

“Hoje fizemos a difficilissima passagem da serra do Imaruim, gastamos de um pouso (Brusque) a outro pouso (casa do sr. Matheus Ribeiro) 9 horas; saímos às 7 e chegamos às 4.”

“Ao meio dia chegamos ao pé da serra, sestiamos e comemos um bom virado, que o Pe. Redento fez arranjar na casa do Henrique Messar.”... “Na subida só da serra, gastamos hora e meia. O caminho é feio e horroroso, em toda a minha excursão no Paraná e neste Estado não encontrei ainda um caminho tão horroroso, e como diz o Francisco, não se pode explicar; é um caminho estreito, no fundo de uma garganta no meio de montanhas altíssimas, formado de pedras soltas, de todos os tamanhos e tão ingreme que o nível de 5 metros para diante na subida passa por cima do cavalo e do cavaleiro.”

“Em cima da serra, já se descortina o aspecto, semelhante ao do Paraná, campos, pinheiros e frio.

“Chegamos às 4 da tarde”... “Às 9 horas da noite chrismei algumas pessoas da familia do Sr. Matheus Ribeiro.”

E fala, então, dos compadrios ali adquiridos, por ter sido padrinho de várias pessoas daquela familia, que enumera.

Neste ponto o diário passa para o livro n.º 24, e assinala 20 de outubro, quinta-feira, quando diz:

“Ao meio dia, todos a cavalo, partimos para a casa do Snr. Manoel Rodrigues, onde chegamos às 4 da tarde; o tempo esteve muito bom.”... “Em casa do Snr. Manoel Rodrigues, nada fizemos, ... “Nos deram um jantar e um almoço no dia seguinte.”

Já, na sexta-feira, 21 de outubro, as informações são mais circunstanciadas:

“Almoçamos e partimos às 9 horas da manhã, sendo acompanhados pelo Luciano Rodrigues, irmão, sobrinho Luis, e mais alguns moços, chegando a S. Joaquim às 2 horas da tarde.”

“Do Matheus (Ribeiro) ao Manoel Rodrigues, 4 léguas, e deste à Villa de S. Joaquim, 5 léguas. O tempo continua muito bom, claro e fresco.”...



Meia légua distante de S. Joaquim fomos encontrados por mais de 30 cavaleiros, que da villa vieram ao nosso encontro. Na porta da casa, onde ficamos residindo nos esperavam a banda de música e os principais do lugar. Logo que apeamos o Juiz de Direito dr. Américo Cavalcanti Barros fez um discurso."

"As 6 horas da tarde fizemos a entrada solene, conforme o costume, sendo precedidos pela Irmandade do SSmo., uma turma de anjos, outra de virgens, e acompanhado pela banda de música e todo o povo, que não é muito."

"Aqui encontramos os padres Oswaldo e Meinolpho, que já estavam trabalhando em preparação do povo."

"Tenho observado que por aqui há muita saúde e muito vigor: são fortes, grandes, corados."

E, no sábado, dia 22, anota que crismou 130 pessoas.

Já o domingo, 23, merece alguns registros especiais:

"Do meio dia às duas horas, paguei as seguintes visitas Família Realma, João Pereira, Antonio Pereira, Mathews Ribeiro, Bernardino Esteves, etc.

Às 2 horas chrismei 271 pessoas.

O tempo tem estado esplendido, de dia um sol radiante, de noite um luar magnifico e doce."

(Xerox da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Ano 1984.)

E, na segunda-feira, dia 24, à tarde, fez visitas de despedida.

Finalizou a sua visita a São Joaquim, dia 25, de outubro de 1898, do que afirma:

"Celebrei às 8 horas e em seguida chrismei ainda 43 pessoas, perfazendo o numero de chrismas em S. Joaquim, mais de 700. Almoçamos e ao meio dia, acompanhados pela música e por todas as famílias, fomos a pé até o fim da rua, onde montamos a cavalo e fomos acompanhados até uma certa altura por mais de 150 cavaleiros." ... "O Manoel Pereira, que já tinha enviado antes a sua mulher, nos acompanhou até sua fazenda, onde descansamos um pouco e tomamos um café com muita mistura."

"Chegamos, ao entrar do sol, em casa do Zeca Thomás, que está perto da margem do grande rio Lava tudo."

"Jantamos às 9 horas da noite, feijão e peixe frito, arroz e galinha."

E, no dia 26, quarta-feira, as informações são deste tom:

"O Pe. Redento, às 5:30 partiu para o Painel, a fim de tomar as providências para a nossa chegada." ... "Tomamos um bom leite e às 8:30 almoçamos: feijão e peixe, arroz com carne picada e café." ... "As 10 horas partimos, tendo atravessado o rio "Lava Tudo" em canoa. Do outro lado do rio, montamos e partimos em direção ao Painel, pequena povoação, que não é ainda paróquia, nem freguesia." ... "fomos encontrados por mais de 150 cavaleiros, tendo à frente o incansável Pe. Redento, que já havia tudo arranjado para a nossa chegada."

"Tendo partido às 10 horas, aqui chegamos às 2 da tarde."

... "Aqui (Painel) não tem musica, nem irmandade."

## ENSINO

São Joaquim esteve sempre empenhada na cultura de seu povo, como vimos na página anterior. De 1918 a 1921, já havia Escola Paroquial, da qual era professor o emérito saojoaquinense Hortencio Silveira Goularth que deixou um rasto luminoso sobre a cultura de sua gente. Foi Chefe Escolar de São Joaquim. Exonerado a pedido, (Resolução n.º 146 de 10.07.1914). Sempre houveram bons professores como: D. Bernardina, Theodolino Lima, Oscar Eineck, Adolfo Martins e o velho professor Tóta, homem de extraordinária cultura, escritor, poeta, cujas obras encontram-se no Museu "Thiago de Castro", em Lages, que ratificam nossas informações. O Colégio particular "Dr. Antonio Lucio", mineiro de Varginha, competentíssimo, bom orador. Casou-se no seio da tradição joaquinense com a bela Judith Martorano.

Existiu a Escola também pioneira da qual exibimos a foto.

Nosso povo, formado quase que por fazendeiros, sempre primou pelo bom ensino de suas famílias e por isso os Colégios mais conceituados foram freqüentados pelos joaquinenses, como: Colégio de São Leopoldo — Rio Grande do Sul; Colégio em Porto Alegre, Colégio Catarinense de Florianópolis; Colégio Diocesano em Lages.



As moças na maioria eram internas nesses bons colégios: Colégio Sagrado Coração de Jesus em Florianópolis, onde formou-se a primeira professora D. Maria Cândida Cordova Pereira.

Começaram então a expandir-se as Escolas pagas pelo Governo Estadual, a princípio Escolas Reunidas e por último o Grupo MANOEL CRUZ, em 06 de maio de 1926.

Lamentamos não termos encontrado a biografia do patrono, embora tenhamos pesquisado e continuamos na esperança de um dia encontrá-la. Esse educandário tinha até o 4.º ano primário, sendo criada a Escola Complementar com três anos, com seu programa muito bem fundamentado e estudava-se 12 matérias, inclusive alemão e francês. Profícuos tempos de ensino.

Foi seu primeiro diretor, Taciano Barreto do Nascimento, que em 1930, por ato da revolução, foi transferido, assumindo Dr. Antonio Lucio, de quem já falamos anteriormente.

A Escola Complementar com três anos, funcionou até 1936; em 1937 já passou a executar o programa com menos matérias e em dois anos.

Do Corpo Docente da Escola Complementar não podemos deixar de re-

gistrar a nossa admiração e gratidão pelo Farmacêutico Enedino Batista Ribeiro, formado pela Universidade do Rio de Janeiro, que por amor à sua terra, prestigiando e colaborando com o nosso ensino, lecionou gratuitamente.

Homem Culto, orador primoroso, cujas palavras eram sempre ansiosamente esperadas nas reuniões cívicas, sociais e religiosas. Devemos registrar nomes de professores como Godefim Nunes de Souza, Fulvio Amarante Ferreira, Dr. Hamiltom Ribeiro Vieira, José Jaime Vieira Rodrigues, Trujillo Ulliséa e tantos outros que marcaram o ensino em nossa terra.

### ANTONIO JOAQUIM HENRIQUES

"(Professor Tóta) — Nasceu em Lages em 1864, era filho do Dr. Joaquim José Henriques, primeiro Juiz de Direito da Comarca de Lages.

Moço ainda, frequentou o Colégio Militar do Rio de Janeiro, regressou à sua terra natal, onde foi funcionário da Coletoria Estadual, ao tempo em que era Coletor o saudoso Cel. Jôca Neves.

Inteligente e culto, de uma extraordinária vivacidade, passou a ser pro-



Escola Mista: "Professora Jacinto Flores" e a Professora Olga (Bolinha), (mais ou menos em 1912) — mãe da autora.



fessor ambulante, tendo lecionado em quase todas as fazendas de Coxilha Rica e Painel e, em 1893, na fazenda do Cel. Belisário Ramos, Cel. Afonso da Silva Ribeiro e tantas outras do município, onde firmou reputação como homem de invejável cultura.

Na cidade, manteve escolas em diversas épocas, sendo a última em 1908

Transferiu-se para Bom Jesus, no Rio Grande do Sul, onde, também foi professor, retornando a Lages, de onde se transferiu para Painel, Bom Jardim e São Joaquim, onde veio a falecer.

Colaborou em todos os jornais locais, numa espantosa produção literária, consagrou-se um poeta de largos recursos e admirável, na versificação; era tão pródigo na sua cultura que rimava, tanto na prosa como em versos. Possivelmente, em Santa Catarina, poucos poetas lhe faziam sombra; improvisava com admirável precisão. Cantou, em versos, muitos fatos de sua terra, nos seus usos e costumes. Não tem conta o número de poesias que deixou.

Nos arquivos do Museu Histórico "Thiago de Castro", doação feita pelo ilustre professor e jornalista Venceslau Muniz, encontra-se os originais de uma Gramática da Língua Portuguesa, obra que não fora publicada pela exagerada modéstia que o caracterizava.

E, em 1936, faleceu em São Joaquim da Costa da Serra, numa noite de intenso frio e chuva, onde se perdera, na fazenda da chapada Bonita, então de propriedade do abastado fazendeiro Cel. João Firmino Nunes.

Viveu na obscuridade, pois não alimentava pretensões a cargos e posições, apesar do grande talento de que era possuidor.

Era músico, ignorando-se se deixou alguma produção. Em qualquer roda, festa ou aglomeração em que tomava parte, discutia qualquer assunto e era ouvido, com muita atenção, pela facilidade como explanava suas idéias, numa linguagem elevada.

Foi um grande mestre, ao seu tempo, e a mocidade de outrora, hoje en-

canecida pelos anos que se foram, há de lhe render, sempre, o merecido preito de gratidão e de saudades. Muitos poucos são os que no passado não foram alunos do culto professor. Tóta, cujo pseudônimo que usava, para ocultar o seu nome, nas produções que embelezavam os jornais da época, era "Matheus Junqueiro". Nesta rápida biografia, por falta de melhores esclarecimentos, não resta a menor sombra de dúvida de que Antonio Joaquim Henriques, o popular professor Tóta, engalana com muito brilho e justificada admiração, a enorme galeria dos "Homens Ilustres de Lages", como uma preciosa gema engastada no diadema da Bi-centenária Princesa da Serra, pela sua sólida e invejável cultura."

---

São Joaquim, possui hoje todos os cursos de 2º grau. Estamos a um passo do ensino Superior.

---

## MÚSICA

A música foi sempre a alma do joaquinense. Já possuímos escolas de instrumentos de corda, que formaram lindas orquestras. Uma delas era mista, sendo alunos: Aparício Mattos, Rosalvo Albino, Gilbertina Cassão Fontanella, Olivia Nunes (*in-memoriam*), Hilda Mattos.

O nome da professora Hilda Mattos é uma comprovação do que dizemos. Educada em colégio de Irmãs, correspondeu ao cuidado de tradição da família joaquinense, aprimorando-se na música executando ainda em nossos dias a bela arte.

Grato é para nós recordar as missas festivas, cerimônias religiosas, requiem, dedilhando o órgão de nossa matriz, acompanhado pelo coro de várias vozes e seguido por Leonel Prolo em seu clarinete e Aristides Batcke em seu violino, que eterneciam, a alma de quantos o ouviam.



## SOCIEDADE MUSICAL MOZART JOAQUINENSE

São Joaquim possuiu uma das boas bandas do Estado de Santa Catarina.

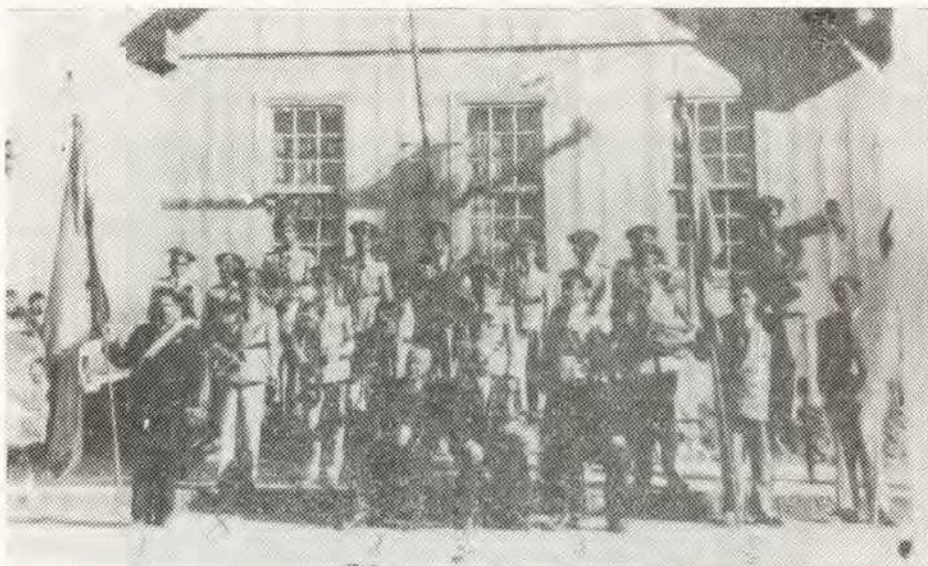
Sua fundação é do 30 de junho de 1895. Seu estandarte é de seda vermelha com franjas e bordado a ouro e pedra rubi, com desenhos de uma lira e uma estrela em gorgorão verde. Foi confeccionada na Itália e custou na época Rs. 1.500.000 (Hum conto e quinhentos mil réis).

O pedido do estandarte foi feito pelo entusiasta e laborioso Presidente Egidio Martorano.

Foi o último maestro o composi-

tor nato Leonel Porto, natural de Jaguaruna, casado com a joaquinense Dorotéia Hugem. Era um espetáculo maravilhoso pomposo mesmo, vê-lo à frente da Banda nos dias de festa, desfilando pelas ruas de nossa cidade. Mas como tudo nasce para morrer um dia... Leonel Porto morreu e com ele a Sociedade Musical Mozart Joaquinense.

Com remanescentes da velha banda, formou-se o Jazz, "Pedacinho do Céu", que alcançou bastante sucesso, mas que não teve muita duração. Foi seu criador José Dutra, de saudosa memória. Mas como São Joaquim é celeiro de músicos, temos o reaparecimento de nossa banda.



Antiga sede da sociedade — Foto tirada em 1944. Sentados, da esquerda para a direita: Juvenal da Silva Mattos, Genovencio da Silva Mattos, Egidio Martorano, Leonel Porto (maestro), N.º 1 (com faixa), porta estandarte Doquinha Amaral e n.º 2, professor José Jaime Vieira Rodrigues, portando a Bandeira Nacional.

**CIA. HERING** O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.



## SOCIEDADE

O Clube Astréa foi fundado em 11.02.1899.

1.<sup>a</sup> Diretoria:

Dr. Américo Rabello, Presidente (Juiz de Direito); Genovêncio da Silva Mattos, Vice-Presidente; Juvenal da Silva Mattos, 1.<sup>o</sup> Secretário; Polidório P. dos Santos, 2.<sup>o</sup> Secretário; Domingos Martorano, Tesoureiro, João V. da Silva, Procurador; Antonio M. F. Brasil, Estatutos; J. Pinto da Silva Goularth, Egidio Martorano, Dorval da Silva Mattos, Joaquim Anacleto Rodrigues, Paulino J. Ribeiro, Francisco Cornélio Hegen, Manoel F. de Soza, Francisco Z. de Mattos, José C. do Amaral, João T. Hugen, Custódio J. Pereira, Manoel A. de Oliveira, Pedro A. de Oliveira, Adolfo da Silva Mattos, Aristides C. da S. Gos.

Seus sócios, famílias tradicionais

joaquinenses, ofereciam desde o tempo de nossos avós, os mais requintados bailes. Os trajes de nossas damas e cavalheiros, eram do mais apurado gosto, conforme podemos comprovar com fotografias existentes em nosso poder.

Esse Clube continua todos os anos oferecendo grandes bailes, onde se destacam o das debutantes e o Baile da Neve, que são verdadeiros bailes palacianos.

A ornamentação artística desses eventos do Clube desde 1940, esteve a cargo de nosso conterrâneo Otilio Bactke, pois este artista soube criar cenários que deslumbraram os acontecimentos sociais.

Por tudo isso sabemos que o são-joaquinese é um figalço, hospitaleiro, amável, fino e cativante. Recebe o forasteiro, com o coração e o faz mais um dono da terra.



Presidente do Clube Astréa





## CARNAVAL

Nossos carnavais sempre marcaram épocas. Foi primeira Rainha de Carnaval Carolina Arruda nos idos 1926, assim que todos os anos nossa Sociedade vive soberbos carnavais.

Rainha do Carnaval mais ou menos em 1926, Carolina Arruda, bisneta de Manoel Joaquim Pinto, fundador da Cidade de São Joaquim (Hoje esposa do sr. Manoel Dimas Pereira de Souza, um dos maiores pecuaristas de nosso Município), também bisneto de fundadores: José Joaquim de Souza.

## FOLCLÔRE

O centro de Tradições "Minuano Catarinense" é uma das expressões mais autênticas de nossos costumes. É composto por elementos ligados às tradições. São lindas moças em ricos trajes, acompanhadas de seus pares, também vestidos ricamente à caráter, que dançam modas antigas, oferecendo o mais belo espetáculo.

A missa crioula, que tão bem retrata o espírito puro, simples e religioso de nossa gente, é outro acontecimento sem par.

## CINEMA

Cinema inaugurado em 25.12.1918, sua construção em arquitetura clássica.

Como podemos observar a beleza de suas linhas, o salão possuía camarotes, onde a elite sãojoaquinense frequentava. Era apreciado o luxo e o bom gosto do nosso povo.

JOACHIM FREDERICK PAUL BATCKE, para nós PAULO BATCKE, pois era esse o nome de naturalização brasileira.

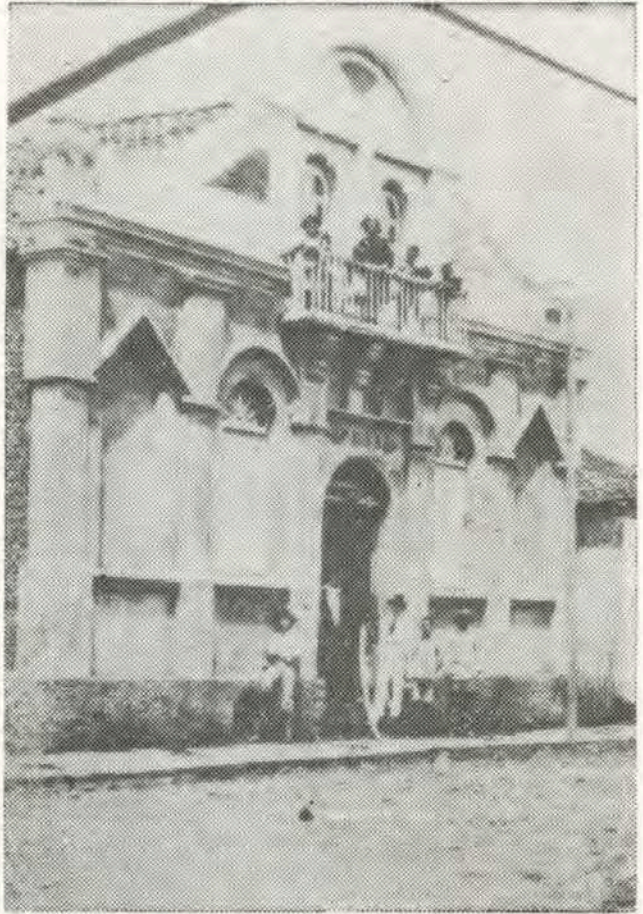
**SUL FABRIL** Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense



Nasceu em Berlim, Alemanha, em 06.07.1864.

Filho de Joacer Dietrich Batcke e Karolim Geitbert Dietrich Batcke. Veio para o Brasil em fins do século passado, casou-se em nosso meio com dona Maria Ribeiro.

Inteligente, dinâmico, exerceu a profissão de Agrimensor, foi executor do 1.º Mapa de São Joaquim. Um dos pioneiros da fruticultura, cujos detalhes daremos em capítulo posterior onde falaremos do assunto. Foi Prefeito Municipal em 1931-1934. Convém registrar o seguimento de seus filhos na profissão de Agrimensor, Aristides (*in-memoriam*) e Waldemar. Na Educação tivemos Paulo Batecke Filho, como Diretor e Secretário em 1963.



### DO SONHO AO FIM

No céu, o azul é lindo...  
Na terra, a vida muda...  
Por quê?  
Por que lanças cruzadas  
Passaram ali?  
Até mesmo a marca do cruzeiro do sul,  
Está molhada,  
Como lajeado, em dia  
De viração e enxurrada.

Por que o pinho chora de mansinho,  
Chamando "Merceditas"...  
O andarilho amigou-se com o doutor,  
O boêmio reza de mãos postas,  
Ao lado do estancieiro.

O cheiro de velas,  
Não existe,  
Foi proibido...  
Mas, o Patrão Celeste  
Tem nos braços,  
Vestígios de margaridas.

Rosário de prata, quantos corações...  
Qual será o dela?

No vestido,  
As mesmas cores dos lenços...

O berrante deu o sinal...  
O piá canta uma "Última Lembrança"...

Choro...  
Não existe,  
Somente soluços engasgados,  
Desabafam a mágoa.

O pai tem o rosto  
Contorcido pela dor,  
A sinhá esfrega as mãos,  
De saudades da cria.

No campo santo, tudo é silêncio,  
Somente o poente e o minuano  
Proseiam, baixinho, de mansito,  
Para não acordá-la.



Nuvens duelam-se,  
E o tempo fecha,  
Somente um instante...  
Poi o sol volta,  
E apenas uma nuvem chora,  
Somente uma lágrima,  
A lágrima que é dela.

Parece, que é ela  
Querendo despedir-se...  
Beijar a quem amou...  
Nesse instante,  
Rola no céu, a última lágrima,  
A lágrima que diz...

ADEUS!  
Angelita Camargo  
S. Joaquim - SC

## Como era o Pavilhão da Praça "Dr. Hercílio Luz"

Fazia um ano que havia terminado a Primeira Guerra Mundial.

Blumenau em 1919, pelos padrões de hoje, não passava de uma minúscula cidade do interior. A "Hauptstrasse", Rua Principal, era revestida de pedra britada.

Perto da Prefeitura ficavam o Correio, a Caixa Econômica, a "Deutsche Schule" (Escola Alemã), o "Theaterverein Frohsinn" (Sociedade Teatral Frohsinn), umas casas comerciais, um hotel e uma Fábrica de Laticínios. Já havia casas de dois andares, como o "Hotel Holetz" e as casas comerciais dos Srs. Katz, Scheeffer e Jansen. Também havia admiráveis casas construídas no estilo da época, fora as de estilo enxaimel. Conservavam suas características até os nossos dias, a casa do Sr. Rudolf Kleine, hoje "Casa das Louças", a casa do Sr. Alvin Schrader onde funciona hoje a "Varig" e a "Casa Husadel".

O Vapor Blumenau era o mais importante meio de transporte entre Blumenau e Itajaí. Além dos passageiros comuns, das mercadorias e do correio, trazia levas de imigrantes que procuravam aqui um novo lar, uma nova Pátria.

A Praça "Dr. Hercílio Luz",

defronte à antiga Prefeitura, era o principal ponto de reuniões da cidade, que não parava de crescer. Esta praça e a Alameda de Palmeiras na Rua Duque de Caxias, estava sob os cuidados de Mathias G. Fabian que possuía uma "Abricultura e Floricultura" na Rua São Paulo. Ele tinha aprendido as artes de Abricultura e Floricultura na "Schlossgaertnerei" de Heidelberg, que pertencia ao seu tio. Veio ainda moço, órfão, na companhia deste tio para o Brasil. Quando não lhe restava mais nada de sua herança parou em Blumenau. Aqui casou-se em 1914 com Frida Schoenfelder, também órfã, neta de Cristian Schoenfelder, que veio em 1853 e de sua mulher Henriette, nata Fischer, que imigrou em 1855 para o Brasil.

Mathias notou que havia poucas diversões na cidade e que as pessoas que durante a semana toda trabalharam de sol a sol, não tinham um lugar próprio, para nos fins de semana, bater um papo e tomar umas bebidas. Lembrou-se então de um coreto de praça na cidade de Heidelberg, na Alemanha, onde se criara.

Este coreto atraía os cidadãos nos fins de semana. Era o lugar onde se ria, conversava, conhecia pessoas, começava namo-



ros, bebia vinho e cerveja, levava as crianças para passear e enfim se passava o tempo livre.

Por que não poderiam fazer a mesma coisa aqui? A idéia teve o apoio do então superintendente municipal, Paulo Zimmermann e tornou-se realidade. Foi lavrado, em 1919, um solene contrato no livro próprio da Comarca de Blumenau, pelo qual o Sr. Mathias G. Fabian se obrigava a construir um "Pavilhão de Coreto de Música e Botequim", na Praça Dr. Hercilio Luz.

Constava ainda do documento, que o contratante estava obrigado a colocar no jardim da praça as mesmas mesas necessárias para o serviço de restaurante, atendimento ao público todos os domingos e feriados.

O Pavilhão, como passou a ser conhecido, desde logo foi bem recebido pela população, e como na velha Heidelberg, do outro lado do Atlântico, tornou-se um ponto de encontro e lazer. A banda de música tocava, as pessoas passeavam, se divertiam, tomavam vinho e cerveja, além de gasosa, do capilé e da cachaça; tudo fabricado em Blumenau ou nas redondezas.

O coreto passou a ser um centro de convergência das pessoas, já que no início da Rua das Palmeiras era o ponto de "carros de mola" e também de ônibus puxado por dois pacientes cavalos, do Sr. Gustav Grassmann, o qual fazia a linha do centro de Blumenau até o bairro de Itoupava Seca.

O tempo ia passando, o Pavilhão abria também nos dias úteis.

Agora os moradores do interior, que tinham que fazer suas compras na cidade, pagar seus impostos ou vender seus produtos agrícolas de casa em casa, faziam sua parada no Pavilhão. Lá tomavam cerveja fabricada por Franz Hosang, Otto Berner ou Otto Jenrich, todas produzidas em Blumenau e comiam um pãozinho. As mulheres e crianças gostavam de uma gasosa feita por Luiz Probst e Otto Jensen (ou de capilé). Fabricavam naquela época capilé, vinho de laranja e carambola, e os fornecedores eram Ernst Siebert da rua São Paulo e Rudolfo Thomsen, da Velha Central.

O segundo fabricava ainda o célebre "Bitter Estomacal" muito requisitado. Até hoje, Sr. Thomsen, que mais tarde tornou-se proprietário da fábrica de vinagre do Sr. Siebert, guarda a primeira nota fiscal que sua firma extraiu no longínquo ano de 1929 e que tem como destinatário o Pavilhão de Mathias Fabian.

Além dos pãezinhos tipo "bundinha" com queijo, salame, lingüiça e ovos preparados em casa, a clientela era atendida com docinhos, chocolates e balas. Nos fins de semana havia cuca caseira especialidade de D.<sup>a</sup> Frida. Perto do Natal não faltavam maçãs e pêras estrangeiras, maçã-pão e a gelatina "Waldmeister" importadas.

Nos fins de semana, em dia

**MAFISA** Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante de que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.



de festa ou eleições, havia um succulento churrasco.

Na época, os cigarros eram de palha, mas havia grande sortimento de charutos como os dos "Irmãos Rothbarth", de Blumenau, e Arthur Buerger, de Pomerode.

Em 1929, no governo de Curt Hering, o contrato foi renovado por mais dez anos. O pavilhão foi aumentado. Neste tempo Mathias Fabian foi encarregado de projetar e executar a reforma e o embelezamento do jardim público da "Praça Dr. Hercílio Luz". Foram acrescentadas novas árvores às já existentes, arbustos raros, árvores estrangeiras e sementeiras flores. Bancos de madeira pintados de verde, com os pés de ferro fundido, foram colocados. Todos os caminhos foram revestidos de uma camada de "Schamotte" coberta de areia.

O "Schamotte" não prejudica as raízes das velhas e preciosas árvores que até hoje são o orgulho dos Blumenauenses.

Bonito e aconchegante como se tornou o jardim, não faltavam visitantes que ocupavam os seus bancos. Ao pôr do sol, quando o céu se tingia multicolor, entre outras, o Sr. Arthur Koehler, proprietário do Jornal Periódico "Der Urwaldsbote", procurava seu lugar predileto num banco à beira do Rio Itajaí-Açu, com vista para o lindo panorama da cidade.

A cidade cresceu muito, o ônibus puxado a cavalo foi substituído por um motorizado. Inaugurou-se a linha para o bairro da Velha.

Automóveis começaram a circular. A grande inovação da Tecnologia moderna no Pavilhão foi

um caça-níqueis, que fazia a alegria não só dos jovens, como também de respeitáveis senhores de compridas barbas.

Surgiram também os clubes de futebol, o "Blumenauense" hoje "Olimpico" o "Brasil", depois "Palmeiras" e agora "Blumenau", festejavam suas vitórias no Pavilhão da Praça "Dr. Hercílio Luz".

Em 1939 o contrato não mais foi renovado e acabou-se uma tradição.

O pavilhão foi demolido, surgiu um posto de gasolina e mais tarde, no mesmo local foi erguido o "Monumento dos Voluntários da Pátria".

**Erica Pantzier**

Filha de Mathias Fabian

## CONTRATO

A seguir vamos reproduzir os termos do contrato firmado entre o superintendente Zimmermann e o sr. Fabian e que estabelecia o seguinte:

Contracto para a construção de um pavilhão, na praça Hercílio Luz, que faz a Municipalidade de Blumenau com Mathias Fabian.

Por este contracto, lavrado no livro de contractos da Câmara Municipal de Blumenau, o Superintendente Municipal Sr. Paulo Zimmermann e Mathias Fabian, jardineiro, morador nesta Cidade, perante as duas testemunhas (...) accordaram o seguinte: Clausula Primeira: Mathias Fabian obriga-se a construir até o dia 15 de novembro proximo, na Praça Governador Hercílio Luz, desta Cidade, em lugar designado pela Municipalidade e de accordo com a planta por esta apresenta-



da, um pavilhão para coreto de musica e botequim, e a collocar no mesmo jardim as mesas necessarias para o serviço do restaurante que o contractante tambem se obriga a manter, correndo todas as despezas por conta do mesmo contractante Mathias Fabian. Clausula Segunda: O Municipio de Blumenau concede ao contractante, em compensação, isenção de todos os impostos municipaes, durante o prazo de doze annos. Clausula Terceira: Findo este prazo de doze annos, o pavilhão passará a ser propriedade da Municipalidade, sem qualquer indemnisação ao contractante, o que succederá tambem, se, durante o tempo do contracto, o Mathi-

as Fabian deixar de explorar o estabelecimento, attendendo o publico todos os domingos e dias feriados. Clausula Quarta. A Camara Municipal de Blumenau obriga-se a não fazer concessão egual no jardim da Praça Governador Hercilio Luz, durante os doze annos de duração deste contracto. E por se acharem deste modo contractos, fez-se este que vai assignado pelo Superintendente Municipal e pelo outro contractante Mathias Fabian e pelas testemunhas F. E. F., que a tudo estiveram presentes. E para os fins legais dá-se ao presente o valor de (Rs. 600\$000) seiscentos mil réis.

(Texto conforme original)

---

## Tipos originaes que viveram em Blumenau

O jornal "Der Urwaldsbote", edição de sexta-feira, 28 de janeiro de 1938, publicou o seguinte:

"Quando em Blumenau ainda se conhecia cada morador e quando um estranho passava pela rua, logo perguntava-se: Quem é? O que será que ele quer? ... representava muito, principalmente em nosso mundo infantil, um papel muito importante alguns velhos, típicos e originaes.

Entre eles, principalmente, o "Schirmonkel" (o tio do guarda-chuva). Seu verdadeiro nome ninguém sabia e mesmo nunca souberam. O velhinho magro vive em minhas lembranças.

Nós crianças ficávamos de olhos arregalados, quando olhámos pelas janelas de vidraças embaçadas para dentro de sua casinha, que ficava no terreno dos Schadraks. Lá víamos coloridas

figuras talhadas em madeira, broches com enormes pedras, brincos que julgávamos de valor, figuras de santos e muitos papéis coloridos.

Resmundando e fumando o "Schirmonkel" circulava entre estas "maravilhas", afugentando-nos com um gesto brusco quando chegávamos muito perto. Ele consertava guarda-cruvas (daí o seu nome) e quando Papai Lungershausen dava a sua famosa festa infantil (que, geralmente, caía em dia de chuva), todas estas maravilhas coloridas do "Schirmonkel" encontravam-se na única barra onde se podia comprar um bilhete de rifa por 100 ou 200 Rs. para ser premiados com um lápis, duro como pedra, um par de brin-



cos que nunca usaríamos, grossas abotoaduras ou um palhaço talhado em madeira. O "Schirmonkel", sério, sentado atrás da mesa, distribuía os prêmios e nem mesmo mudava de semblante quando um bebê ganhava uma garrafa com loção para o cabelo que já a distância cheirava mal.

Mais ou menos ao mesmo tempo do "Schirmonkel", Blumenau também abrigava outra figura excêntrica: o Krischan (senão me falha a memória, ele já nasceu em Blumenau). Krischan ou Tunk, como o chamavam, era um débil mental. Mas mal e mal ganhava seus sustento cortando lenha e fazendo outros trabalhos manuais. Seu andar não era nada bonito: toda a figura pequena era desproporcional, com cada passo dobrava nos joelhos, seus braços compridos demais remavam ao lado do corpo e a cabeça, pesada demais, caía para a frente. Fosse verão ou inverno, usava calças que mal cobriam seus joelhos e nunca o vimos calçado. Sua voz era mais feia ainda que todo seu aspecto: falava fanho.

Os moços maldosos riam dele e gritavam "Krischan Piependekel" quando o viam de longe. Algumas vezes tinham travado conhecimento com sua pesada mão.

Krischan morava sozinho numa pequena casa na "Kaiserstrasse" (atual Alameda Rio Branco) e provavelmente, algumas vezes, sentia-se solitário. Por isso resolveu procurar uma companheira. Estranhamente procurava esta, justamente na "elite" de Blumenau. Não era realmente nada agradável para aquela que ele es-

colhera como alvo. Talvez também um outro candidato ciumento e rejeitado tivesse instigado Krischan a procurar justamente aquela.

O fim de Krischan foi triste, como fora toda a sua vida. Como perdeu a sua casinha, ninguém soube dizer. Mas quando velho, não possuía nenhum punhado de terra e passou a morar nos porões da prefeitura, dormindo numa velha canoa esquecida, que lá encontrou. Pessoas caridosas davam-lhe de comer para que não passasse fome e, silencioso e abandonado, morreu na velha canoa.

Companheiro de época de Krischan foi também o velho Horn. Este não nascera aqui. Dado à bebida, passava muitas vezes pela rua dançando e cantando "Heidideldum, heidideldum...".

Talvez esta sua queda pela bebida, este remédio universal do esquecimento, estivesse intimamente ligado com seu antigo meio, quem o sabe?!!!

Naquele tempo a higiene em Blumenau, ainda engatinhava e lá ia o velho Horn limpar as fossas; mas poucos lembravam-se de honrar este trabalho tão "perfumado" a não ser com um velho toco de cigarro. Assim aconteceu que Horn não possuía casa e vivia numa entrada entre as casas do Sr. Rothbart e Hindelmayer, onde colocara um velho catre e lá dormia. Onde e quando o velho Horn morreu, não sei...

Outro tipo original era o velho W. que morou na casa do "Schirmonkel", após a morte deste. O velho W. era o nosso meteorologista. Profetizava o tempo



que geralmente era o contrário do que previra. Assim, quando ele dizia que faria sol, chovia e vice-versa.

Por último, recorde de mais uma figura original: o diretor do "Immigrant", Sr. Sch. Seu humor era conhecido, e mesmo acamado, este não o abandonou. Num visita (que seria a última ao Sr. Sch., o mesmo logo depois morreu), o pastor pediu ao doente que ele se abrisse para ele, caso ainda tivesse um pedido e ele, o pastor, procuraria cumpri-lo.

Sr. Sch., que mal podia mover-se, sorriu e disse:

— Todo pedido o senhor cumpriria?

— Se estiver ao meu alcance, sim, respondeu o pastor.

— Pois bem, meu maior de-

sejo é ver o senhor embriagado. E deu ordem para trazerem vinho e cálices.

O Pastor, que era abstêmio, para não quebrar a promessa teve que aceitar e sempre quando Sch. dizia "Prosit pastor", este tinha que esvaziar o cálice. Naturalmente os efeitos não tardaram. Foi uma alegre visita. Velhas lembranças foram trocadas, o pastor cantou velhas canções de estudantes e dançou pelo quarto, para alegria do Sr. Sch. Aqui creio que o pastor fingisse para satisfazer Sch., ajudando-o assim, a morrer tranqüilo, o que também aconteceu.

Assim poderia citar ainda diversos tipos originais que passaram por Blumenau, mas o deixaremos para uma outra ocasião."

---

## *Inauguração de pontes*

(Terça-feira, 27 de julho de 1937)

Foi trabalho com muito esforço, nas últimas semanas, na ponte sobre o Ribeirão Fresco, perto da Igreja Evangélica Lutherana, para que possa ser inaugurada no Dia do Colono. Na madrugada do dia 25 de julho, tudo ficou pronto. Foi enfeitada com flores e cartazes e na manhã seguinte às 11 horas foi inaugurada pelo prefeito Alberto Stein acompanhado por autoridades.

Ponte "25 de Julho", será o nome. A ponte tem 16 metros de largura dos quais 11,5 metros no centro, transitáveis, 4,5 metros para as calçadas de ambos os lados. No centro encontra-se uma placa na qual se lê: "Ponte 25 de Julho", construída sob administração do Prefeito Alberto Stein, inaugurada em 25 de julho de 1937". A ponte é muito importante para o trânsito ao Garcia.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

*Banespa*

— Um dos colaboradores nas edições desta revista —



# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*



MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



**Cia. Hering**  
BLUMENAU - SANTA CATARINA